

## Ofício de poeta (*in êxodo*, Coimbra, 1961)

HERBERTO HELDER

# ê x o d o

coimbra e mil nove  
centos e sessenta e um

poesia	<i>Canto Primeiro</i>	● joão vário
	<i>A Taça e o Beirado</i> seguido de <i>Natal Interior</i>	● luís serrano
	<i>Processo</i>	● rui mendes
ensaio	<i>Da Poesia e da Estética</i> alguns aspectos	● louzã henriques
testemunho	<i>Ofício de Poeta</i>	● herberto helder

publicação não periódica

Folha de rosto de *êxodo*

A edição completa deste caderno encontra-se disponível [aqui](#)

Serão os poetas as pessoas mais indicadas para falar de poesia? São eles decerto os que mais aptamente nos contarão do ofício dos poemas, como melhor falará de casas um arquitecto, e de agricultura um agricultor. Os mil e um segredos de oficina são a chave de cada profissão e são coisas que se acumulam nas tortuosidades e dificuldades de uma atenta e comprida experiência. Só o poeta falará em consciência desta matéria a que as outras pessoas forçosamente são alheias, pois que se encontram ocupadas na sua própria experiência específica. Contudo, quando se trata de colocar a poesia no concerto universal das atividades, não me parece que seja o poeta aquele que mais limpidamente se possa pronunciar. Isso, pela tendência sua inevitável de reduzir a experiência universal à sua experiência pessoal, de considerar como instrumento e fontes únicos de conhecimento aqueles de que unicamente [sic] é dotado. Poucos poetas há que aceitem a poesia como

---

actividade do espírito a par da ciência, das matemáticas, da filosofia, da sociologia. Menos ainda aceitarão uma semelhança de validade com as actividades imediatamente úteis e que não são ocupações pròpriamente [sic] do espírito, como a indústria, a agricultura, a técnica. E quanto mais jovem (mais exclusivista) for o poeta, maior atracção sentirá pela ideia exclusivista da poesia. *O poeta é o ser por excelência* (Saint-Pol Roux). *A poesia é o real absoluto* (Novalis), etc.. Quando o poeta se torna assim o metafísico da poesia, coisa alguma razoável se poderá esperar que diga sobre uma actividade no fundo tão terrena. É bom ler o livro dos mil e um segredos de oficina dos poetas, mas é preferível ouvir um homem culto e vasto dissertar sobre o papel da poesia-em-si como presença do espírito e como acontecimento social. Eu não sou este agradável e agudo homem de cultura, capaz de não nos aborrecer com o peso metafísico da poesia. Quanto aos segredos oficinais, oito ou nove anos de exercício lacunar da profissão não me fornecem autoridade bastante para revelá-los. Encontro-me na situação delicada de já não ser um metafísico da poesia e de não ser ainda técnico avisado dela. E de não ser também o tal homem arguto indicado para relacionar a minha tarefa com as diversas tarefas do mundo. Posso só declarar que a poesia é para mim uma actividade paralela à ciência, astronomia, música, arquitectura. Paralela à carpintaria, à mecânica, à engenharia, à agricultura. Paralela, digo, não nos seus métodos e pretensões específicos, mas na validade humana e social. E aqui talvez eu esteja em conflito com os poetas, por um lado, e com os alheios à poesia, por outro. Porque os primeiros sentirão que lhes roubo a ela o alto lugar na hierarquia das ciências do conhecimento, e os outros dirão que a poesia nunca se mostrou tão capaz de benefício humano e social como a música e a matemática, ou como a engenharia e a medicina. A um objecto uma vez mais que não sou um metafísico da poesia e que, por isso, não a posso considerar a ela, ou a qualquer outra actividade, como total e exhaustiva do conhecimento. Aos segundos é porventura mais difícil responder. À primeira vista, a poesia apresenta-se na verdade como menor no respeitante ao benefício humano, se a compararmos com a matemática ou a pintura. Menor ainda, se a comparação for feita com a medicina ou a agricultura. E é talvez por aqui que se consiga estabelecer o campo dos interesses e benefícios de tal actividade. Realmente, são tanto mais palpáveis os benefícios de uma tarefa, quanto mais directamente estiverem ligados às necessidades do homem. Não se veja aqui razão para estabelecer uma escala directa ou inversa de valores. Não é por ser mais imediatamente útil, que uma actividade vale mais. Nem é também por ser menos imediatamente útil, que mais valerá. Tudo está em saber se se trata de um trabalho útil. A coisa é útil? Devo opinar que, sendo ela inútil, seja proscrita. Se as realizações não práticas

---

são consideradas como bem social, necessidade efectiva do ser humano, a poesia sê-lo-á evidentemente. Sabemos que a cultura (ainda que subtil, indefinidamente) influi na natureza e qualidade do trabalho prático e na consecução do progresso geral e felicidade do homem. A poesia tem um papel na cultura, como a matemática e a música. Ela estabelece talvez um plano original no mundo do pensamento e imaginação, plano de síntese das forças espirituais, ponto onde todos os trabalhos do homem, o seu esforço e história, se unificam no súbito conhecimento de uma grande realidade: a vida do ser humano sobre a terra. Considero que todas as formas expressas da imaginação se concluem na forma poética. O teorema de Pitágoras, a invenção da roda e do parafuso, a descoberta do arado, a ideia da igualdade dos homens, as astronaves, a arquitectura funcional, a revolta contra os tiranos - tudo isso em que a civilização se aplicou, e foi e é um degrau imaginado no percurso para um tempo melhor, encontra a sua beleza ao atingir o poema. E o ofício daqueles que procuram revelar aos homens a beleza dos seus próprios actos não pode ser inútil, porque talvez se não lutasse tão ardente e pertinazmente, se não se possuísse a consciência da beleza da luta. É este o papel que, quanto a mim, se destina à poesia. Assim, ela liga-se à história, reflecte-a na sua forma mais pura, fulminante. Grande poesia (para empregar esta tonitroante expressão quase metafísica que muito se está a usar, e em vários sentidos tortuosos) será a que se ligar à circunstância universal do homem, à matéria da sua história, à experiência difícil do trabalho pela liberdade e felicidade. Por mim, não receio comprometer o meu poema com um programa que alguns julgarão estreito. Mas todo o homem se compromete. Todo o poeta é um ser comprometido. Partimos todos de determinada vivência e experiência, comprometemo-nos de um modo ou de outro com as características do meio social, da formação cultural, da pressão exterior, da biografia pessoal. Não existem poetas em estado puro. Não existe gente em estado puro. A tarefa é a de revelar esse compromisso da maneira mais significativa e universal. E não pode haver compromisso menos estreito do que aquele que, transcendendo o seu carácter individual, se integre na exigência geral. Exemplifico, só para que se torne mais clara a ideia: - Penso num poeta português contemporâneo - José Gomes Ferreira. Cultura pequeno-burguesa, formatura convencional numa universidade portuguesa, experiência emocional lisboeta, sentimento de frustração comum a todos os indivíduos pensantes da sua classe, doloroso sentido da inutilidade da vida próprio de todos os portugueses honestos. Vincular-se a esta experiência menor? O que seria, assim, a poesia de Gomes Ferreira? Uma espécie de *Só* de um António Nobre com novos recursos técnicos, mas, no fundo, uma menoríssima poesia

---

---

*livre*, quero dizer, comprometida com uma realidade individual in-significativa. Mas o poeta, pondo o pé nesta experiência irrecusável, visto ser a sua, põe o outro na consciência crítica dela, e estabelece a dialética dos valores de experiência pessoal e da qualidade negativa deles. Assim, ele próprio faz a grande revolução que a cultura burguesa pode fazer: negar-se a si mesma, pela visão que de si tenha. Poucos de nós possuiremos uma formação notavelmente [sic] diferente da agora descrita em sumário. A nossa tarefa é construir a ponte que une o mundo deplorável e doloroso de onde viemos e onde estamos para o próximo mundo, não decerto definitivo, mas evidentemente melhor e mais susceptível de grande poesia. Compromisso que não estreitará tanto como aquele que vincule o indivíduo ao solilóquio. O compromisso menos comprometedor é o que se faça com a significação universal dos testemunhos. É a única maneira da poesia ser útil e livre, já que é forçoso que o seja limitadamente.

#### Anotação:

"Ofício de poeta" foi publicado no primeiro (e único) número dos cadernos *êxodo*, um projeto editorial não-periódico, publicado em Coimbra em abril de 1961, e que se assumia como espaço quer de edição/divulgação da "jovem poesia portuguesa de Os De Menos de Trinta Anos" (cf. *êxodo*, p. 35), quer de debate acerca do que era ou poderia/deveria ser a poesia (portuguesa) contemporânea.

Dinamizado por um grupo de jovens autores, então residentes em Coimbra (alguns deles de origem insular), entre os quais se destacam João Vário (i.e. João Manuel Varela), Rui Mendes, Eduíno de Jesus e Luís Serrano, *êxodo* retomava diretamente os propósitos do conimbricense *Jornal de Poesia* (projeto participado por alguns autores de *êxodo*), que, apesar de ter sido, entretanto, censurado e proibido, publicara, já em 1958, no seu n.º 1, uma recensão de Rui Mendes sobre o recente *O amor em visita* de Herberto Helder (SILVA, 2013).

Como notou Rui Guilherme Silva, Herberto Helder, Ruy Belo e Jorge de Sena, embora sendo um pouco mais velhos, constituíram, na altura, referências fundamentais para os fundadores de *êxodo* (SILVA, 2013: 139), tendo, inclusivamente, dialogado diretamente com este grupo de Coimbra.

*êxodo* foi, portanto, uma iniciativa editorial que, no início da década de 1960 e na senda de outros projeto coletivos que, na Madeira e no continente, contaram com a participação ativa de Herberto Helder desde o início da década anterior, quis discutir e rever o sistema literário português, interrogando-se sobre "como fazer poesia que não seja apenas «poesia portuguesa»" (VÁRIO, 1961: 1) e sobre o modo como o discurso poético português, (re)visitando outros discursos literários, culturais e científicos (nacionais e estrangeiros), poderia superar os entraves que, para estes jovens autores, obstaculizavam a retoma da "revolução poética" aberta por Fernando Pessoa e ainda a aguardar efetiva continuidade. Uma "revolução poética" que, de acordo com as reflexões de João Vário (1961: 1-3) e do próprio Herberto Helder (1961: 32-34), partilhadas em dois dos textos publicados no caderno, deveria saber acolher o poder recreativo e revitalizador que a contaminação decorrente desse trânsito interdiscursivo, internacional, intersemiótico e intercultural poderia introduzir no sistema cultural português, do qual não se excluíam (até pela

inclusão, em *êxodo*, dos contributos do madeirense Helder, do caboverdiano Vário ou do açoriano Eduíno de Jesus) os fenómenos, os agentes e as dinâmicas culturais das, então, Ilhas Adjacentes e das Colónias Portuguesa

Não surpreende, portanto, que na secção "Testemunho", *êxodo* (título que sinaliza claramente a dinâmica itinerante, instável e translocal que os seus colaboradores propunham para o seu conceito e prática de poesia) incluía "Ofício de Poeta" de Herberto Helder, um dos seus primeiros ensaios.

**Referências:**

AAVV (1961), *êxodo*, Coimbra: Livraria Almedina.

HELDER, Herberto (1961), "Ofício de poeta", AAVV, *êxodo*, Coimbra: Livraria Almedina, pp. 32-34.

SILVA, Rui Guilherme (2013), *Exemplo Cosmopolita: João Vário, Arménio Vieira e José Luís Tavares*. Dissertação de Doutoramento em Literaturas de Língua Portuguesa, Coimbra: Universidade de Coimbra.

VÁRIO, João (1961), "texto 1", AAVV, *êxodo*, Coimbra: Livraria Almedina, pp. 1-3.